

DOMINGO



SEMÁNARIO REPUBLICANO RADICAL

Assinatura

Ano. 1\$; semestre. \$50. Pagamento adiantado.
Para fóra: Ano. 1\$20; semestre. \$60; avulso. \$02
Para o Brazil: Ano. 2\$00 (moeda forte)

PROPRIETARIO-DIRETOR—José Augusto Saloio

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TIPOGRAFIA

(Composição e impressão)

RUA CANDIDO DOS REIS — 126, 2.º
ALDEGALEGA**Publicações**

Anúncios—1.ª publicação. \$04 a linha, nas seguintes. \$02.
Anúncios na 1.ª pagina, contrato especial. Os autógrafos não se resultem quer sejam ou não publicados.

ADMINISTRADOR—MANUEL T. PAULADA EDITOR—LUCIANO FORTUNATO DA COSTA

1.º de Dezembro de 1640

O desastre de Alcacer-Kibir, que colocou no trono de Portugal o Cardeal D. Henrique, foi a causa principal da perda da nossa independência.

O Cardeal D. Henrique, já no fim do seu curto reinado, reuniu côrtes em Almeirim para a escolha d'um novo soberano e manifestou-se abertamente em favor de Filipe II de Espanha, neto de D. Manuel I de Portugal.

O Cardeal morreu antes do seu reino cair em poder dos espanhois e depois de ter ouvido o povo cantar, nas ruas, uma célebre quadra que manifestava bem quanta antipatia nutria por ele o povo portuguez. Mas o povo estava ezausto. A fome e a peste tinham-no abatido. A inópia em que D. Sebastião havia deixado o reino devia ser fatal.

Filipe II de Espanha, pouco depois da morte do Cardeal, apoderou-se, por meio de suborno, do reino. Foi um rei cruel e um partidario ardente do catolicismo. Luctou contra a Reforma, que envolveu em contínuas guerras toda a Europa, e querendo introduzir a Santa Inquisição nos Paizes Baixos, onde dominava tambem, levou esta nação a proclamar a sua independência.

Durante o seu reinado perdeu Portugal a sua esquadra e deixou cair em poder dos inglezes e holandezes uma grande parte das suas possessões.

A este fanatico succedeu seu filho que foi agravando cada vez mais a situação em que se encontrava o paiz.

O filho d'este último, Filipe III de Portugal, deixou o governo entregue ao conde-duque de Olivares que nomeou vice-rainha a duquesa de Mantua. Mas quem, em verdade, gover-

nava o reino era Miguel de Vasconcelos, o prototipo de renegado, que deixou o nome coberto de vergonha na história do seu paiz.

Mas o povo, sobrecarregado de impostos, não podia manter-se por muito tempo n'esta situação.

Um punhado de portuguezes, d'aqueles que nunca desmentiram o valor belicoso dos seus antepassados e nunca souberam reconhecer, além da verdadeira, outra patria, derubaram em poucos momentos o poderio espanhol exercido em Portugal havia 60 anos.

João Pinto Ribeiro e mais alguns fidalgos portuguezes resolveram, em reuniões secretas, restaurar Portugal e aclamar rei D. João, duque de Bragança. Este, por ser um espirito de timidez e não se querer comprometer na revolta, negou o seu nome para rei de Portugal. Nada o decidia. Já os fidalgos portuguezes estavam resolvidos a proclamar uma republica—tal era o seu patriotismo—quando D. João se resolveu a tomar parte na revolta. O dia 1.º de Dezembro foi o aprazado.

Os que deviam libertar do jugo filipino a patria portugueza marchavam de manhã para o palacio da duquesa de Mantua.

Uns levavam a esperança da vitória para os animar, outros a certeza da morte que seria mais uma página d'ouro a acrescentar á já muito gloriosa história da sua Patria. Mas nem um só tremeu. Todos desejavam as nove horas, a hora marcada para o assalto.

Sóam nove horas. Não ha hesitações. Enquanto

uns procuram a duquesa de Mantua e matam Miguel de Vasconcelos, outros, n'uma ância de liberdade, vencem e desarmam a guarda castelhana. A alegria é grande. Um velho fidalgo, de oitenta anos, brandindo um estoque, chega a uma das janelas do paço e dá um retumbante grito de Liberdade que encontrou o eco na massa popular.

Estava restaurada a monarquia portugueza! Portugal era livre! Estavam separados os dois povos que o odio uniu por 60 anos.

De Vila Viçosa parte D. João para tomar conta do reino. Por todas as terras por que passou foi muito aclamado. Em Aldeia Galega, terra que sempre se manifestou amiga da Liberdade, tambem D. João foi bastante vitorioso.

Era belo—diz-nos a história—o aspecto de Lisboa. Foi bela a manhã do primeiro de dezembro de 1640. O sol, o invejado sol de Portugal, parecia querer abraçar com os seus raios o povo que, desprezando os perigos a que se expunha, tão nobre e heroicamente despedaçou a tutela que o oprimia. Nesse momento de regosijo nacional todos os inimigos pessoais se abraçaram. Todos se uniram para defender a Patria de possíveis ataques. E, todos, com o seu esforço, assinalaram as vitórias de Montijo, linhas d'Elvas, Ameixial e outras contra os espanhois que ainda tentaram retomar a nação perdida.

As possessões que estavam em poder dos holandezes tambem foram reconquistadas. E esta nação, pequena no tamanho, grande na heroicidade, nímia nos seus feitos e firme na vontade, readquiriu a independência para não voltar a perdê-la enquanto houver dignos descendentes de D. Nuno Alvares Pereira e um exemplar

d'esse poema que nos deixa conhecer bem a fundo o instinto luzitano.

HO FE.

CRER

Deus não quer offendas, porém sim o sacrificio de tudo que no fundo não for justo nem grande.

Tolstoi supoz largo tempo que a fé do mundo era legitima. Depois descobriu que a do povo, fazendo, como f. zia, muita diferença da outra, seria a verdadeira. Por último verificou que a sua, afastando-se muito das anteriores, é que seria aquela a que deveria tender ou aspirar.

Esta evolução é tanto mais curiosa quanto é certo que a maioria das pessoas nem sequer chega a suspeitar que ela se possa dar.

Conforme as ensinaram em crianças morrem taes criaturas. Crêem grosseiramente em coisas monstruosas e absurdas, ao passo que os mais delicados escrúpulos de consciencia passam para elas inteiramente desconhecidos.

Max Nordeau crê que a origem das religiões foi a suposição de que a Natureza estava cheia de deuses pessoais, que os homens naturalmente receiavam por suporem seus inimigos, e aos quaes pensaram que seria agradável dirigir preces, fazer sacrificios e offendas.

Este raciocinio do homem primitivo não era absolutamente absurdo.

Ha efetivamente na Natureza qualquer coisa mais alta que nós, mas essa qualquer coisa não são nem foram nunca os deuses pessoais mas sim apenas a nossa consciencia á qual convem fazer não offendas mas sim o sacrificio de tudo quanto no fundo não é justo nem grande.

Poucos são ainda hoje os homens que crêem n'isto.

Uns acreditam nos mil absurdos que julgam ser a religião; outros não creem

em coisa alguma, nem elevada nem grosseira, e proclamam alto e bom som a supremacia das paixões sobre tudo o mais

Aqueles fazem inconscientemente áto de servilismo, éstes de egoismo.

É quazi ninguem repara que como esteve sempre vizível ao nosso espirito:

«Crer no que se deve crer é crer duas vezes...»

M. SONZA.

Os arrozais e o sesonismo

Terminou a colheita do arroz. Por muitas dezenas de hectares ocupados pela preciosa gramínea já passou a foice, e em algumas eiras vêem-se crescer os montes de arroz debulhado, em parte já vendido.

A atividade desenvolvida nos principaes centros arrozeiros, chegou ao máximo da tensão nervosa para que se não perca um dia, nem mesmo algumas horas, que podiam ser causa de amargo arrependimento.

O resultado da campanha é promettedor em produção e qualidade, os preços animadores das primeiras vendas deixam antevêr ao arrozeiro a justa compensação das despesas de instalação, elevados salarios que tiveram de suportar e perigos a que corajosamente se arriscaram.

Nas regiões arrozeiras não ha hoje, como havia em igual época de outros anos, miseria e fome, porque sobra trabalho e faltam braços, e o paiz não terá que pagar este ano em ouro, ao estrangeiro, uma importante parte do arroz que anualmente consome.

Apezar de tudo quanto mais ou menos tendenciosamente se tem dito e escrito, os casos de sesonismo não foram este ano em maior número do que nos outros, nem se fizeram sentir mais nas regiões onde se cultivou o arroz, do que nos pontos cultivados onde grassa aquele mal e d'antes nunca se produzia. No tempo de Garrett não

se cultivava arroz em Azambuja e comtudo, quando «Divino» por ali passou em direção ao Valle de Santarem, não quiz agua porque—«bebel-a em Azambuja seria o mesmo que beber quartans».

Tantas ou mais que os mandamentos da Igreja são as máximas ou sentenças dos homens que, pelo seu talento e envergadura moral mais brilharam na nossa terra e que, com a autoridade que ôje por ahi não abunda, porque reside em bem raros, não perdiam ensejo de mostrar a sua simpatia pela orizicultura, libertando-a da imerecida responsabilidade de ser causa única das maletas.

Ao govêrno compete e-z.rcer sobre os arrozais, que em hora feliz autorizou, uma aturada fiscalisação, para evitar os abusos e desmandos que, a nosso vêr, muito bem podem não ser causa única do paludismo, mas concorrem para a sua propagação.

(DAS «CULTURAS IRRIGADAS»)

Comentarios & Noticias

Confrontando...

Ha dias foi apresentada em juizo uma queixa contra o sr. Francisco Justiniano Marques, pelo crime de ameaças. Essa queixa foi em vista ao delegado da comarca que immediatamente requereu policia contra aquele senhor, inquirindo-se testemunhas e preparando-se tudo para o julgamento, dentro do espaço de uma semana.

Agora foi apresentada pela Camara Municipal uma queixa, por abuso de liberdade de imprensa, e apezar de serem já decorridos onze dias, ainda o mesmo delegado nada promoveu.

Depois, se chamamos a atenção pública para estes factos, somos logo acusados de maus e de estarmos a perseguir funcionarios cumpridores dos seus deveres.

E a proposito:

Quando é que responde o cavalheiro que na «Evolução» caluniou dois honestissimos funcionarios do tribunal?

Quando é que responde a testemunha Costa que o digno juiz d'esta comarca mandou autuar 1.º dia do julgamento do sr. Arnaldo Henriques Marques?

Quando é que responde o sr. dr. Celorio Gil no processo que corre contra ele no tribunal d'esta comarca?

Dar-se ha o caso de tais processos terem levado o mesmo destino que levôu o rascunho da resposta do official Oliveira?

Havemos de averiguar isso...

Um desordeiro

Deu ha dias entrada nas cadeias d'esta vila o conhecido desordeiro «Zé Saloio» que ainda ha pouco chegou de cumprir pena de degredo em Africa pelo crime de assassinio. Este individuo tem o vicio da embriaguez, o que lhe aumenta consideravelmente os seus já maus instintos. O motivo da sua prisão foi dar-lhe, um dia d'estes, para pagar com insultos os fa-

vôres que devia a um bemquisto comerciante d'esta vila, a quem ainda deve quantia superior a seis escudos, entrando no seu estabelecimento provocando-o e pretendendo agredil-o.

Ainda no mesmo dia, acompanhado de uma tal «Arô ba», sua amante, entrou novamente no mesmo estabelecimento e, ambos, vociferaram contra o seu proprietario as maiores infamias que se não é a intervenção da guarda republicana teriam um triste desfeiche.

Para que tais factos se não repitam, bom será que as autoridades façam policia os pontos onde matulões de tal jaez costumam envergonhar a sociedade.

Dr. Sousa Refolos

Um estudante doido, faz ôje 16 anos, assassinou em Coimbra o dr. Sousa Refolos, autor do célebre «Relatorio» sobre o collegio de S. Fiel, no Lourical do Campo e o de Nossa Senhora da Conceição, na Covilhã. (Apontamentos sobre o jesuitismo no distrito de Castelo Branco). O «Relatorio» tem a data de 13 de dezembro de 1880.

«A Condennada d'Alcabidiche»

Recebemos e agradecemos o exemplar da minuta do recurso de revista, interposto da sentença que absolveu os autores do monstruoso crime de Alcabidiche, dirigida ao Supremo Tribunal de Justiça pelo advogado, sr. dr. João de Caires.

Cortejo de homenagem

Conforme fôra anunciado realizou-se domingo passado em Lisboa o cortejo de homenagem á memoria do grande jornalista e valoroso e intrépido republicano França Borges. O cortejo, que foi imponentissimo, sahio do largo do Intendente e foi promovido pelo Centro Republicano França Borges. «O Domingo» e «A Razão» bem como o Centro e as comissões politicas do Partido Republicano Portuguez n'esta vila fizeram se representar no cortejo pelo nosso diretor e pelo nosso amigo João Carlos Marques.

Arnaldo de Brescia

A 3 de dezembro de 1155, isto é, faz ôje 761 anos, foi queimado em Roma o grande defensor da liberdade italiana Arnaldo de Brescia. Orador apaixonado e eloquente, assustou o papa Inocencio II que reuniu o concilio de Latrão para excomungar o hereje. Morto Inocencio, succedeu-lhe Lucio II que foi assassinado á pedrada, pelo povo. A este segue Eugenio III que declara guerra aos romanos. Arnaldo de Brescia derrotou-o, vendo-se o papa obrigado a fugir para França. Sob o sólio pontificio Alexandre IV que, aliado com a Alemanha, manda aprisionar Arnaldo de Brescia, que foi queimado logo no dia seguinte e as suas cinzas lançadas ao Tibre. Os romanos, indignados, atacam os alemães, ficando mil dentre eles mortos no combate.

O trez de copas

Tem causado extraordinaria sensação o «film» que no teatro Recreio Popular está sendo corrido e cujas peripécias têm levado o espectador a manifestar-se entusiasticamente. Como já dissemos, «O trez de copas» está dividido em quinze séries de duas partes, sendo corridas trez por noite. Oje cabe a vez ás 7.^a, 8.^a e 9.^a séries que, a calcular pelas noites de domingo e quinta

feira, devem dar nova enchente ao Recreio Popular.

Em nome de Deus

Faz ôje 123 anos que foi decapitado na praça dos Mártires, em Verviers, o médico distinto, filósofo e tribuno popular Gregorio Champuis. Foi prêso e condemnado á morte pelo «monstruoso crime» de ter casado civilmente. Após alguns mezes de cárcere, foi conduzido sentado n'uma padiola sobre um carro, entre dois frades, ao lugar do suplício, ôje praça dos Mártires, onde morreu, brádando: «Deus perdoe aos meus inimigos e dê a liberdade á Patria». Na praça onde foi decapitado, levantaram-lhe os francezes uma estátua.

Na India

Diz um jornal da India que o rei Sião, que é feliz esposo de seiscentas mulheres, conta na actualidade 263 filhos (137 fêmeas e 126 varões) sem contar aqueles cujo nascimento está próximo. O rei tem apenas 30 anos!

Eis um monarca zeloso pela população do seu reino, e que pôde chamar se, sem metáforas, o pae dos seus vassallos.

«O Espéctro»

Sob a direção do nosso amigo Antonio Carvalho vai reaparecer na vizinha vila da Moita este nosso confrade, órgão do Partido Republicano Portuguez n'aquelle concelho.

Dr. Martins Romão

De passagem esteve n'esta vila na preterita segunda feira o nosso amigo e prestigioso correligionario, sr. dr. Antonio Martins Romão, ilustre médico municipal de Canha, democratica freguezia d'este concelho.

Falecimento

No passado domingo faleceu n'esta vila a sr.^a D. Maria Delfina da Fonseca Quaresma, sogra dos nossos amigos e assinantes, srs. Sebastião Leal da Gama e Manuel Roque da Silveira, a quem enviámos o nosso cartão de pêsames.

Comissão Ezeutiva

Em sessão ordinaria de 29 do corrente e sob a presidencia do sr. Antonio Cristiano Saloio, foi deliberado o seguinte:

Remeter para o Senado officios da Parceria dos Vapores Lisboenses, dos Correios e Telegrafos e da «Revista de Turismo»; enviar aos medicos municipais cópia d'uma circular do Hospital de S. José; conceder as licenças pedidas pelo Presidente d'esta Comissão e pelo carcereiro; tomar conhecimento da restante correspondencia; chamar para a Comissão Ezeutiva por virtude da licença concedida ao respeito do Presidente, o veriador, sr. João Soares, por ser o mais votado a seguir na lista respétiva; pôr a concurso o fornecimento de carnes de vaca, carneiro e chibato para o próximo ano de 1917.

O pão

Continúa, sem rei nem Roque, n'este pobre concelho, o mais importante assunto da actualidade — a questão do pão. Até á data cada padeiro faz o que muito bem quer e sobra-lhe tempo para muito mais. Nem qualidade, nem preço, nem peso fixos. Felizmente Aldegalega tem alguns padeiros conscienciosos (trez ou quatro) que fabricam pão ao preço de quinze centavos o quilograma e que é muito regular. O pão de dez centavos, fabricado com farelos, é, mesmo assim, vendido em tão pequena quantidade, que rarissimo se torna

vêl-o. E por aqui se pôde avaliar a qualidade do outro, do fino. E não será possível pôr-se còbro a tão grande abuso? Por que esperam as autoridades?

A que chegámos!!!

Delegado da comarca

O nosso presado colega «O Mundo», de terça feira passada, diz, n'um dos seus écros, que ainda se conserva em Aldegalega, com grande indignação dos republicanos, o delegado que os persegue, e lamenta que assim succeda. Pois não tem que admirar-se «O Mundo». A vida está para os monarchicos e reacionarios. Estes têm carta branca para fazerem tudo que lhes aprouver e não lhes falta nunca outros que, servindo-se do rótulo republicano, tomem a sua defeza junto das estações superiores e sejam atendidos. E enquanto assim se procede, demite se dos lugares e sem serem ouvidos aqueles que sempre trabalharam pela Republica.

E' triste dizel-o mas é verdade.

Caçada

Acompanhados de dois amigos cujos nomes ignorámos chegaram a esta vila quinta feira passada e retiraram no sabado, os nossos valiosos correligionarios de Lisboa, cidadãos Luiz Martins e José Mateus Farto, que na sexta feira foram para as proximidades de Pancas, concelho de Alcochete, fazer uma caçada aos coelhos.

Dr. Paulino Gomes

Foi obrigado a recolher á cama durante alguns dias, devido a um fortissimo ataque de «gripe», este nosso excelente amigo e ilustre diretor do nosso colega local «A Razão». Felizmente, servindo-se de um severo tratamento e indispensavel resguardo, a traiçoeira doença foi debelada e o nosso amigo encontra-se em via de completo restabelecimento, o que sinceramente estimamos, como quem estima o bem estar d'um tão leal quão valioso correligionario e amigo.

Novos colaboradores

Apresentada pelo nosso ilustre colaborador e amigo, sr. dr. Antero de Seabra, inicia ôje a sua colaboração n'este jornal a ex.^{ma} sr.^a D. Valeriana Sales Pedroso, digna diretora do «Núcleo Educativo». A sr.^a D. Valeriana, que de muito nova trabalha em prol da educação quer ensinando quer escrevendo sobre assuntos que têm por fim educar moralmente os pequenos a quem os seus escritos se dedicam, é sobrinha do ex-presidente do Brazil, Campos Sales, e filha do ilustre escritor já falecido, sr. Francisco Pedroso.

—Tambem Hufe, o autor dos perfis do nosso colega local «A Razão», começa ôje a dar-nos o prazer da sua colaboração que, esperamos, será a valer.

A ambos, os nossos cumprimentos.

Data histórica

Foi festejadissima, n'esta vila, a data histórica de 1640.

A muito distinta filarmónica 1.^º de Dezembro bem como a Banda Democratica, percorreram as ruas seguidas de muito povo. A camara e outros edificios publicos e particulares tinham a bandeira nacional arvo-rada e alguns as fachadas iluminadas a electricidade.

O «Sapateiro»

Prêso ha dias por um furto de latas de conserva e pôsto em li-

berdade, não sabemos porquê, novamente foi prêso, acusado agora de um importante furto de milho na propriedade denominada «Vasa-borrachas», o conhecido gatuno Custodio da Silva Bento, o «Sapateiro», que, parece, se propõe chefiar a quadrilha «Rôla».

Grupo Recreativo Aldegalense.

Festeja ôje o seu primeiro aniversario com um atraente baile, sendo n'um dos intervalos servido um delicado «copo d'água» ás damas, o florescente Grupo Recreativo Aldegalense, sito na rua Machado Santos.

Pensamento

A história do mundo é a recopilação das loucuras dos homens.

Respeitemo-nos mutuamente

Na nossa provincia da extramadura habitavam duas familias de lavradores. Ambas tinham um filho da mesma idade. Uma era muito abastada, a outra apenas possuia os meios suficientes para poder viver desafogadamente. Estas familias visitavam-se muito cordealmente. As crianças brincavam algumas vezes juntas, mas á medida que iam crescendo iam-se tambem afastando porque os genios eram muito diferentes. O rico era invejoso, mesquinho, insolente, altaneiro, orgulhoso da sua riqueza, emfim, tinha um caráter pessimo, não era nada simpatico: insultava o seu companheiro todas as vezes que podia, humilhava-o sempre que tinha ocasião, falava-lhe na sua pobreza dizendo-lhe sempre que nunca poderia passar de um triste camponez ao passo que ele, rico como era, poderia ser médico, advogado, etc. Pedro, que era o nome do pobre, ouvia o sem nada lhe responder. Era a alegria de seus paes: simpatico para todos, delicado, afavel, bondoso e muito inteligente. Estas duas crianças entraram na mesma escola. Pedro, estudioso e trabalhador, fazia pogramas, Jorge, pelo contrario, mandrião só á força é que fazia alguma coisa d'ele. Pedro fez os ezames de instrução primaria ficando distinto. Jorge tambem os fez ficando reprovado, o que ainda mais lhe aumentou o rancor e, como todos os que ficam reprovados, desculpava-se com os professores. Os paes, desgostosos, resolveram internal-o n'um collegio d'onde teve que sair assim que fez ezame, pois o diretor não o quiz lá mais devido ao seu mau comportamento. Foi, então, obrigado a entrar para o liceu. Emquanto a Pedro que fazia ele? Depois de ter convencido os paes a deixal-o continuar os estudos, estes com muitos sacrificios, mandaram-no para casa de uma tia que tinha em Lisboa. Matriculou-se no liceu e acabou o curso em pouco tempo. Quanto a Jorge já não tinha conta as vezes que era reprovado, e, se não fosse os muitos empenhos que tinha nunca chegaria, talvez, a fazer nada. Mas a inveja pelo companheiro de infancia não diminuia e procurava sempre todos os meios de o enxovalhar, mas cobardemente, como todos os de caráter vil. Fazia a diligencia para indispor alguns colegas contra ele, pagando-lhe as extravagancias a fim de o tratarem mal. Mas Pedro a tudo era alheio. Entregava-se aos seus estudos e não a-

tendia nem a insultos, nem a desafios, pois, ele bem sabia d'onde aquilo tudo provinha. Acabou o curso dos liceus Pedro seguiu para agronomia e Jorge a fim de lhe ser superior seguiu para medicina. Emfim, Pedro acabou o seu curso brilhantemente, sendo sempre estimado e querido dos seus professores e bons colegas. Jorge só á custa de muito dinheiro, pedidos e tempo o conseguiu acabar. Pedro, apesar de ter boas colocações em Lisboa, antes quiz ir para a sua terra natal, para a companhia de seus queridos paes e para o meio dos lavradores e criados. Cada vez fazia progredir mais a casa de seus paes plantando, podando, enxertando, emfim, modificando os antigos e irracionaes processos agricolas. Comprava cada vez mais terrenos, que de estéreis que eram, se tornavam em verdadeiros tapetes de verdura o que fazia dizer aquela boa gente da terra que aquilo era obra de milagre. Mandou, tambem, fazer uma oasa muito bonita para os seus bons paes cercada de um lindo jardim e onde havia o maximo conforto. Jorge, esse não quiz ir mais a casa de seus paes e dizia que era uma vergonha um medico ser filho de gente tão humilde. Não ganhava coisa alguma. O seu curso de nada lhe servia. Não queria senão beber, comer e passeiar. A sua vida era uma constante pândega com os outros como ele. Estava constantemente mandando pedir dinheiro ao pae, que, desgostoso, lhe mandou dizer que tomasse juizo e olhasse para Pedro que já tinha uma grande casa e ia casar em breve com uma rapariga muito prendada e boa menina, filha de uns lavradores muito ricos; fazendo-lhe notar que por aquele caminho ele vinha a ser o mais rico da terra e que bem digno era d'isso, emquanto que ele não lhe dava senão desgostos, não fazia senão esbanjar dinheiro a torto e a direito e por isso estava resolvido a não lhe mandar mais nada. Acabava por lhe dizer que deixasse aquela vida e tomasse rumo. Jorge não se affigi e conseguiu ser admitido n'um hospital como medico, mas tantas torpezas fez que tiveram de lhe tirar o lugar. Vendo se sem meios e sem amigos (pois eles são só para nos explorar), lembrou-se de seus paes e partiu para casa d'elles. Pediu lhes perdão das suas loucuras e prometeu emendar-se. Ficou bastante admirado de vêr como os paes de Pedro estavam bem e de vêr este casado e sempre alegre e satisfeito. Viu, então, que a fortuna de seus paes já não excedia a d'elles. Resolveu abrir consultorio, mas como habitava n'uma simples vila, foi abrir o n'uma cidade próxima. Todavia ele tinha que pagar todo o seu orgulho e maldades que tinha feito, pois que bem faz bem merece, mesmo que seja á custa de muitos trabalhos agora quem faz mal, espere outro que tal, pois nada n'este mundo fica impune. Estava ele no seu consultorio quando recebeu um telegrama dos paes mandando dizer-lhe que tinha arido a sua casa e o celeiro e que fosse depressa. Jorge partiu imediatamente para consolar os seus velhos paes. Mas, qual não foi o seu espanto quando viu a sua casa e tudo em ruinas?! Qual não foi a sua surpresa quando viu os paes em oasa de Pedro rodeados de todos os carinhos e conforto?! Os paes que sabiam a pouca amizade que o filho tinha a Pedro contaram-

lhe a sua desgraça ao perderem a casa pois ficavam reduzidos a algumas terras para a sua velhice, disseram-lhe que tinham que lhe deixar da sua fortuna por isso tinham aceitado o abrigo de Pedro que lh'o ofereceu como se fosse um filho carinhoso. Chorou Jorge por nunca ter olhado por seus paes como devia e arrependeu se de lhe ter dado cabo de tanto dinheiro e da pouca estima que sempre tivera por Pedro. Compreendeu que tudo aquilo era castigo da sua vaidade e soberba e sobre tudo das crueldades que tinha feito a Pedro, pagas agora por este com o bem. Pediu então perdão a Pedro de todo o mal que lhe tinha feito, agradeceu-lhe imenso o beneficio feito a seus pobres paes e d'isso que os queria levar para sua casa anim de não se separar d'elles, mas os pobres velhos disseram-lhe que se saíssem da sua querida terra, da terra onde nasceram e sempre tinham vivido, da terra onde o viram nascer, que morreriam mais depressa, por isso, os deixasse ficar. Ofereceu Pedro uma das suas casas para elles habitarem, o que agradeceram contentes e reconhecidos. Jorge depois de deixar seus paes bem instalados agradeceu-lhe tudo quanto fazia e pediu-lhe que zelasse por eles e emquanto não estava e prometeu vir vel-os todas as vezes que pudesse. Pedro prometeu lhe que olharia por eles e disse-lhe que nada tinha que lhe agradecer, pois, cumprira o seu dever humanitario. Jorge partiu, então, para a sua casa e, trabalhou tanto que em pouco tempo adquiriu uma boa clientela. Todos os mezes levava a seus bons paes o que podia até que fez o que tanto desejava das terras que possuia ainda. Graças a Pedro fez uma casinha para os paes e ôje está casado e vive bem. Devemos, pois, respeitarmos mutuamente, tratando do mesmo modo tanto os ricos como os pobres pois, que o sol que cobre uns cobre os outros. Não é a riqueza monetaria que dá felicidade mas sim a riqueza moral e intelectual.

VALERIANA SALES PEDROSO.

ANUNCIOS

EDITAL

Antonio Cristiano Saloio
Vice-Presidente da Comissão Executiva da Camara Municipal do Concelho de Aldegalega do Ribatejo:

Faço saber que se acha aberto concurso para o fornecimento de carnes de vaca, carneiro e chibato durante o próximo ano de 1917.

As propostas são recebidas em todos os dias uteis, das onze ás dezeseis horas, na Secretaria da Camara, até ás doze horas do dia vinte do mez corrente, ultimo do prazo do concurso, e serão abertas na sessão deste mesmo dia, devendo conter claramente expres-

sas as condições para o referido fornecimento.

Havendo duas propostas iguais proceder-se-á a licitação verbal na presença dos proponentes O proponente a quem fôr adjudicado o fornecimento prestará a caução de 1 000\$00, ou fiador idóneo. A Camara fica livre o direito de aceitar ou recusar qualquer ou quaisquer propostas.

Para constar se mandaram passar este e outros identicos que vão ser affixados e publicados nos lugares do costume. E eu Manuel Paulino Gomes-Chefe da Secretaria o subcrevi.

Aldegalega, 30 de Novembro de 1916.

O Vice Presidente da Comissão Executiva,

Antonio Cristiano Saloio.

ERVILHA

Ervilha, garantida, para semente, vende José Soares, rua do Cais, 22 — Aldegalega.

BATATA para semente, pinheira legitima, tem para vender, n'esta vila, Antonio Joaquim Relogio Junior.

PÓ DE CORTIÇA

O melhor e mais economico combustivel até ôje conhecido.

Substitue o carvão com extraordinarias vantagens.

Vendas por grosso e a retalho. Trata-se com Estevam Duarte Ervedoso. — Aldegalega.

GREGORIO GIL

Com fabrica de destilação na travessa do Lagar da Cera (na pontinha) oferece á sua numerosa clientela, além de aguardente bagaceira muito boa de que sempre tem grande quantidade para venda, finissima aguardente de prova (30°) para melhoramento de vinhos, assim como aguardente anizada muito melhor que a chamada de Evora. Os preços são sempre inferiores aos de qualquer parte e as qualidades muito superiores.

TRESPASSA-SE

Ou subarrenda-se por o seu dono não poder estar á testa, um estabelecimento bem localizado, n'esta vila. Trata-se com José Soares.

CAPOTES
ALEMTEJANOS

Acabou de chegar a esta vila fazendas em diversas cores para capotes alemtejanos. — Sebastião Leal da Gama Junior.

VENDEM-SE

Um predio com altos e baixos, horta, pôço, adêga e lagariça números 16 a 20 situado na Praça Pri-neiro de Maio.

Outro, na Rua Almirante Candido dos Reis, com altos e baixos números 19 a 23.

Outro, no Largo da Igreja com altos e baixos números 13 e 14.

Outro, na Praça da Republica números 13 e 14 e Beco do Forte número 19 com altos e baixos.

Para tratar com Ladis-

lau Durão de Sá, Avenida das Côrtes, 55, 2.º—Lisbôa.

Um livro util ao comercio

MANUAL

DE
CORRESPONDENCIA COMERCIAL

em
Portuguez e inglez por
Augusto de Castro.

Entre os diversos livros da mesma índole que ha publicados, nenhum como este está ao alcance de todas as inteligencias, nenhum é de tão facil assimilação.

O negociante, o guarda-livros, o mais simples empregado no comercio n'ele encontrarão um guia e explicador seguro que lhes garante adquirir dentro de pouco tempo um conhecimento muito apreciavel da lingua ingleza.

1 volume brochado \$40.

Biblioteca do Povo

H. B. Torres — EDITOR

R. de S. Bento, 279, Lisboa

POSTAES ILUSTRADOS

JOÃO SILVESTRE MARTINS

Participa aos seus estimaveis freguezes que recebeu um grande sortido de postaes das ultimas novidades desde 10 réis até 800 réis, assim como tambem tem um grande sortido de quadros para sala e molduras para retratos, espelhos, vidros para caixilhos, grande variedade de outros artigos, perfumarias, retrozeiro, fanqueiro, romances de diversos autores, almanaques, calendarios, blocos, artigos para brindes, etc.

143 — RUA ALMIRANTE REIS — 145

(Esquina da Rua do Poço)

ALDEGALEGA

106

ATLANTIDA

Mensario artistico, literario e social para Portugal e Brazil

Administração: L. do Conde Barão, 49 — LISBOA

UMA CAMPANHA DE AÇÃO NACIONAL

III

O DOGMA DA OPINIÃO PÚBLICA

A artificialidade e a deshonestidade da opinião publica. Os traficantes da letra redonda, criadores da força ficticia da opinião. A força do jornal independent e o envenenamento subtil causado pelas suas informações. Manifestações espontaneas preparadas na sombra; o exemplo do caso Ferrer. A crueldade patológica das massas populares. A formação da opinião na época do Terror. O poderio da opinião pública e o poderio da ignorancia. A competencia profissional causa de inaptidão para a critica dos factos politicos. Necessidade de dar á patria um poder que seja independente da opinião.

BORRAS E SARROS O LIVRE PENSAMENTO

Gregorio Gil, com fabrica de destillação, previne os ex. mus lavradores e mais pessoas interessadas que compra quaisquer quantidades de Sarros, Borrás espremidas e secas, e em especial Borrás em liquido por preços muito elevados. Péde para não ligarem negocio com outras pessoas sem antes consultarem os seus preços. 800

O MEDICO DE SI MESMO

MEDICINA FAMILIAR

COORDENAÇÃO DE

João da Soledade Moraes

Um volume com perto de 300 páginas

30 centavos

Livro de grande utilidade caseira

SUMARIO: Licor depurativo ou purgante, cistères e seu presuntivo vomitório e seu emprêgo, chás e co-simentos, elixir estomacal e seu emprêgo, leite e lambedores peitoraes, óleos e caldos, dieta rasoavel, imaginação curativa, banho de fogo sudorifico, banhos frígidos, lavagens, fricções e compressas estimulantes, sinapismo e outros tópicos distrativos, reações ácêra dos vermes e cura das sezões, remedio para os olhos, ouvidos, fauces e dentes, contra a epilepsia, dôres de cabeça, ictericia, diarréia, asma, saluços, incômodos na bexiga, gangrena, envenenamento, frieiras, sarna, escaldaduras, foga-gens, unheiro, pararicio, antraz, febre intermitente, febre remittente, outras febres, febre amarela, colera-morbus e tifo consequente, febre lenta da tísica, molestias na cabeça, nos olhos, nos ouvidos, fossas nasaes, bôca, dentes, molestias no pescoco internas e externas, angina, esquinencia, escrófulas, intumescencia das parótidas, molestias no peito, coraçao, pulmão, fígado, estômago, ventre, remedio contra a solitária, cólíca, tópicos de acção diurética, molestias nas vias superiores e suas dependencias, via posterior, via anterior, intumescencia testicular, hernia, molestias venéreas, gonorrhéia, blenorrhéia, blenorragia, cubões, molestias nas extremidades das pernas e braços, fraturas, torceduras, reumatismo, gô-ta, ciática, varizes, calos, pés, sujos, cravos, morfeia, bexigas, tinha, erisipela, feridas, tumores, úlceras, feridas recentes, feridas estacionarias, cancro, aneurisma, tétano, kisto, cachexia e rachitis, nevralgias, insônia, sonolencia, loucura e delirio, apoplexia, hidrofobia e biofobia.

LISBOA

Henrique Bregante Torres

EDITOR

R. de S. Bento, 279

A' venda em casa do sr. JOAO MARTINS

ALDEGALEGA

QUEREIS SER GUARDA LIVROS?

Compre o melhor método para aprender

Guia do praticante d'escritorio

por JOAQUIM JOSÉ DE SEQUEIRA

Acaba de sair o 2. MILHEIRO 1 vol. br., \$50 (500)

Enc., \$70 (700)

A' venda nas livrarias e no editor

LIVRARIA VENTURA ABRANTES

80, Rua do Alecrim, 82

LISBOA

A. E. DE VITORIA PEREIRA

JULGAR DEUS

Trabalho de alta transcendencia filosofica

A verdade, a razão e a ciencia esmagando os pre-conceitos bíblicos e os dogmas absurdos das religiões que têm dominado o mundo e entravado o progresso

A luz iluminando uma era nova, libertando o espirito da mulher e da criança da tutela nefasta dos jesuitas e das congregações religiosas.

TITULOS DOS CAPITULOS

Divagando=Onde principia e onde acaba Deus=A preocupação da humanidade=A Biblia, a Historia da Filosofia=A terra segundo os sabios=Os crimes e o Deus Bíblico=O diluvio dos hebreus=A Biblia é o livro mais immoral que ha=Julgamento do Deus da Guerra=Eurech!-Jerichó=O egito historico até ao exodo do povo de Moysés=Filosofando=Filosofando e continuando=Deuses e religiões=Autos de fé, tormentos, martirios e assassinos em nome de Deus cristão=A separação da igreja do Estado

O livro é dedicado ao eminente homem d'Estado o ilustre cidadão DR. AFONSO COSTA, e é uma homenagem ao gran e propagandista republicano DR. MAGALHAES LIMA, Grão-Mestre da Maçonaria Portuguesa, á Maçonaria mundial e aos livres pensadores.

20 CENT.

(por ser o resto da edição) um volume em 8.º, brochado e com os retratos dos personagens a quem é dedicado!!

ENCADERNADO, 300 REIS!!

A' venda em todas as Livrarias

Pedidos de assinatura, revenda, ou grandes encomendas a Luiz Pereira—Logo da Bola—OBIDOS.

UMA CAMPANHA DE ACÇÃO NACIONAL

O LEVANTAMENTO NACIONAL

IV

A DEGRADAÇÃO DO PODER REAL

Uma cruel ilusão. O rei reduzido a simples pregoeiro público e a máquina d'assinar. A falsa nobreza do rei constitucional. A irresponsabilidade real origem de degradação. Os famosos árgus da «monarquia nova». A «monarquia nova», menos monarquica do que a monarquia velha. A monarquia constitucional não é preferível ao regimen republicano. O argumento do figurino inglez. Poder absoluto e poder arbitrário. O falso equilibrio social resultante do casamento do poder real com o poder do povo. O poder real, independente dos súbditos, não conduz ao despotismo. «Reis, governae ousadamente». O ezeplmo que nos vem de França.

A venda na rua Poiaes de S. Bento, 133 e 135 — Lisboa. Preço, 5 centavos

DICCIONARIO DE MEDICINA VEGETAL

A medicina vegetal, será a primitiva, mas e a mais natural, a mais prompta, a mais barata e a menos perigosa. Com varias nomenclaturas, fórmulas e prescrições, rotulos bonitos e reclames extravagantes, os medicos recentem e as pharmacias vendem sempre «por alto preço», extractos doçados de plantas não vulgares, que em qualquer quinta, se encontram sem custo. É uma industria legal, scientifica, necessaria, mas que só pode existir pela exploração dos enfermos, nem sempre ricos. O DICCIONARIO DE MEDICINA VEGETAL, ao alcance de todos, por Carlos Marques, e portanto, util em todas as casas.—O 1.º volume, de 170 paginas, indica «os signaes que caracterizam as principaes enfermidades e a sua cura pela therapeutica vegetal», razes, folhas, flores e fructos, etc.—O 2.º vol. tambem de 170 paginas trata da «descripção botanica e emprego medicinal» das principaes plantas portuguezas e brazileiras.

Cada volume custa apenas 200 rs., pelo correio 220 rs., e encontram-se já a venda nas principaes livrarias do reino, ás Azores e Brazil. Os pedidos devem ser dirigidos ao autor, FRANCISCO SILVA—Livraria do Povo, R. de S. Bento, 216-B=Lisboa.

O FRANCEZ SEM MESTRE PARA TODOS

Novissimo guia de conversação franceza

—* com *—

a pronuncia figurada em sons da lingua portugueza

POR

M. Gonçalves Pereira

Vocabularios,

Cartas commerciaes e de amizade

Dialogos e frases úteis

1 volume cartonado e franco de porte.... \$30
Brazil e mais paizes estrangeiros..... \$40
A' Cobrança..... \$40

Todos os pedidos acompanhados da respétiva importancia, em vale do correio, ordens postaes ou selos de \$02,5 devem ser dirigidos a

M. GONÇALVES PEREIRA

RUA DA ERA, 19 — 1.º (Aos Paulistas)

LISBOA

Em Aldegalega póde este novissimo guia de conversação franceza ser encontrado no estabelecimento do sr. João Silvestre Martins, rua Almirante Candido dos Reis, 143.

ULTIMAS PUBLICAÇÕES:

10 CENTAVOS — CADA TOMO — 10 CENTAVOS

Assinatura permanente

A VITIMA DE UM FRADE romance historico — A SANTA INQUISICAO emocionante romance — O AMOR DOS AMORES novela de costume — OS SEGREDOS DA HONRA romance de grande sensação — O LIVRO DA MULHER a revista mais util ás donas de casa, 20 centavos cada tomo.

EM PREPARAÇÃO:

A INQUISICAO EM PORTUGAL grande romance historico, 10 centavos cada tomo — A mulher em sua casa, O MANUAL DA COSINHEIRA, 20 centavos cada tomo

A' venda na Biblioteca do Povo, Henrique Bregante Torres, Rua de S. Bento, 279

LISBOA

LA CONQUISTA DEL ORO

por EL MARQUES DE TUDESCO

Obra premiada com 2.500 FRANCO

Esta notabilissima obra, contiene el procedimiento científico de obtener facilmente recursos, forma rapidamente un capital y conseguir buenas rentas. Es util é indispensable al pobre y al rico.

Para el pobre, porque sin esfuerzo y facilmente puede constituir un capital; para el rico, porque le enseña y proporciona medios de aumentar el suyo.

Con esta interesantissima obra, conseguireis vivir bien, sin inquietudes, una vida tranquila y civilizada.

PRECIO 5 PESETAS EJEMLAR

Cualquiera duda de interpretacion será resuelta por los Herederos del Marques de TuDESCO Chalet Bela Vista—Lisboa, Daluzado.

Los pedidos al editor Ventura Abrantes—Livraria, 80, Rua do Alecrim, 82—Lisboa.